

# EDUCAÇÃO DO CAMPO E JUVENTUDE: O PAPEL DAS TECNOLOGIAS NA VIDA DOS JOVENS

Autor: José Milson dos Santos (UFPB)  
E-mail: [jm777santos@hotmail.com](mailto:jm777santos@hotmail.com)

## Resumo

O presente artigo tem o objetivo de traçar uma breve discussão sobre o uso de algumas tecnologias pelos jovens do campo como formas de socialização e de caráter educativo. A Educação do Campo tem se constituído como protagonista de um público que historicamente foi excluído dos direitos fundamentais de ter acesso à escola, a educação, ao trabalho, ao esporte, ao lazer e aos bens materiais produzidos pela humanidade de modo geral. O intuito deste trabalho é provocar uma discussão específica sobre a Educação do Campo e o papel das de algumas tecnologias, de modo especial à internet e o celular como potencializadores de um ato educacional plural, crítico, inclusivo e contextualizado na vida dos jovens camponeses. Com o uso da Pesquisa Participante e Bibliográfica, utilizamos a técnica da observação em um grupo composto por 30 indivíduos com idades que variavam entre 15 e 29 anos, todos residentes no Assentamento Novo Salvador – localizado no município de Jacaraú Paraíba. Percebemos que tanto o celular, quanto computadores conectados a internet são recursos usados com muita frequência por esses jovens. Outra descoberta importante é que, essas tecnologias são meios usados para a socialização e que por muitas das vezes, usam-nas como meio para diversão, mas também para informação e formação através da prática da pesquisa na rede mundial de computadores.

**Palavras Chave:** Educação do Campo, Juventude e Escola, Tecnologias e Socialização.

## Introdução

No presente texto buscamos refletir sobre o papel que tem as tecnologias, sobretudo, computadores conectados a internet e o celular na vida da juventude do campo. Tomamos por base nossa inserção e atuação como pesquisador em um Grupo de Jovens situado no Assentamento Novo Salvador – Jacaraú/PB, entre novembro de 2013 e abril de 2014. O Projeto de Assentamento (P.A) está situado na Região do Litoral Norte paraibano, com uma distância aproximada de 96 quilômetros da capital João Pessoa.

O grupo de jovens era constituído de 30 indivíduos com idades que variavam entre 15 e 29 anos, sendo que 12 eram do sexo feminino e 18 do sexo masculino e todos residentes no assentamento. Um fato interessante é que, todos esses jovens

ainda se encontravam em suas casas paternas. Alguns de idade entre 18 e 29 anos, tinham casado, mas se separaram de seu conjugue e retornaram a viver com seus pais.

Mediante a problemática de estudo, a saber: “o uso das tecnologias como instrumento socializador e potencializador da identidade de jovem do campo”. Almejamos os seguintes objetivos: a) refletir sobre o papel das tecnologias, de modo especial, o computador, a internet e o celular, na vida dos jovens; e b) compreender como a Educação do Campo pode ser um veículo mobilizador.

Para nos auxiliar nesse trabalho, trazemos os escritos de Souza (2009), Ribeiro (2005), Silva e Azevedo (2005), Peruzzo (2003), Suchodolski (2010), Dayrell (2007) e outros estudos que enriquecerão as análises feitas por nos ao longo deste artigo.

### **Metodologia e tipo de pesquisa**

Lançando mão da Pesquisa Participante, além da Bibliográfica, trabalhamos com uso da técnica de observação que oportuniza o registro de “... dados visíveis e de interesse da pesquisa” (DANNA, MATOS, 2006 apud BELEI, 2008, p. 191). Na qual, “as anotações podem ser feitas por meio de registro cursivo (contínuo), uso de palavras-chaves, *check list* e códigos, que são transcritos posteriormente” (DANNA; MATOS, 2006 apud BELEI, 2008, p. 191).

Metodologicamente, optamos por não expor falas diretas, colhidas durante a pesquisa, mas fazendo uma leitura criteriosa dos dados obtidos intercalando com outras pesquisas já construídas a respeito do assunto aqui tratado. O intuito é evidenciar que as tecnologias, quando usadas pelos jovens, são instrumentos para a construção de sentidos de vida e identidades coletivas.

### **A escola entrando em cena: as experiências dos jovens dentro do ambiente educacional**

Como pedagogo, professor e pesquisador, acredito que a escola ainda continua sendo um espaço privilegiado para a canalização das experiências juvenis. A escola do campo já não está imune às mudanças impulsionadas pelo mundo tecnológico como se pensava antes, devido a seu distanciamento da cidade. O campo, os jovens camponeses já não estão tão “isolados” como se imaginava antes.

Dos 30 jovens que tivemos contato em nossa pesquisa, todos eles já tinham

celulares e corriqueiramente, faziam uso da internet. A internet é uma das tecnologias mais revolucionárias já construídas pelo homem, de acordo com Sousa (2011, p. 172):

Indubitavelmente, entre as várias novas tecnologias, sobressai aquela que é sua maior expressão, a Internet, por amalgamar diversas facetas tecnológicas até então separadas, como a escrita, a imagem, o som etc.. Ela é hodiernamente o mais completo meio de comunicação criado pela tecnologia, tem reconfigurado as culturas e suscitado novas estruturas de sociabilidade contemporânea.

Através da internet, podem-se acessar jogos diversos, salas de bate-papo, atualização de redes sociais com uso de fotos e vídeos, escrever em blogs, baixar músicas, aplicativos, programas de computador e tantas outras funções. Não é atoa que segundo a pesquisa do IBOPE (2010), 71% dos indivíduos entre 12 e 19 anos fazem uso frequente de redes sociais.

No entanto, no âmbito escolar e na sociedade de modo geral, algumas críticas têm irrompido, dentre elas:

[...] são identificadas como “ninguém ver [vê] criança nenhuma tomando tabuada, por exemplo, todos usam a calculadora, nenhum aluno lê livros pra uma pesquisa, ele utiliza o famoso ‘www.google.com’, porque ele é mais fácil e rápido”. Outra crítica é a de que não há leitura, sequer interpretação e reavaliação do que se encontra na Internet... (SOUSA, 2011, p. 177).

Nossa opinião a respeito dessas questões vai na direção do que expõe Sousa (2011, p. 177), “assim como na leitura de um livro, não virtual, a leitura na Internet também dependerá dos hábitos do leitor”. Assim:

[...] os leitores na Internet refletem a diversidade do próprio mundo real, não obstante alguns pesquisadores asseverarem que o leitor da Internet “folheia muito, mas lê pouco” (Silva, 2003: 40). Todavia, perguntaríamos se esse “folhear muito”, também não está presente nos hábitos de leitores de jornais impressos. Há de se problematizar melhor essa relação.

Ainda sobre o assunto acima colocado, poderíamos indagar se o mesmo não acontece com leitores de revistas impressas e do próprio livro impresso. O fato de certa pessoa ler um livro digital, não oblitera outras funções do leitor. Nessa perspectiva:

Dados da pesquisa “A Geração Interativa na Ibero-América: Crianças e adolescentes diante das telas” (s/d), sobre o uso de diferentes tecnologias com 25.467 estudantes entre 6 e 18 anos de idade em escolas públicas e privadas da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela, em 2007/2008, revelam, no caso brasileiro, que nossos jovens não só navegam, como também produzem conteúdos na Internet por meio de

páginas da *Web* ou *Blogs*. Verifica também que, de cada dez estudantes, dois possuem *site* ou *blogs*; seis em cada dez estudantes acessam a internet em *lan-houses* e 72% declaram gostar de utilizar o Messenger (Programas de Mensagens Instantâneas) porque podem conversar com seus amigos e ainda que um de cada dois adolescentes tem e conheceu pessoalmente algum de seus amigos virtuais (SOUSA, 2011, p. 178).

A respeito do exposto acima, lembro-me de certa ocasião em que um jovem que participava do grupo no Assentamento Novo Salvador chegou e me perguntou como fazia para pesquisar conteúdos confiáveis na web. Ainda indagou-me que ouviu falar que os conteúdos da Wikipédia não eram confiáveis em se tratando de comprovações científicas. Achei aquelas observações importantíssimas, pois notei a preocupação daquele jovem em selecionar bons conteúdos para sua pesquisa de escola.

A internet pode ser uma forma de sociabilidade a ser usada pedagogicamente como ferramenta educativa pela escola, inclusive para trabalhar conteúdos atrelados a vida no campo. A principal ferramenta desse trabalho não é, entretanto, as tecnologias, mas a própria escola do campo. Sem serem socializadas, as tecnologias não passa de puro instrumento a serviço das elites.

É inegável que os jovens têm um imenso domínio prático de vários softwares, programas, planilhas, jogos, mas ainda lhes falta uma visão crítica a respeito desses recursos. A tecnologia se bem direcionada, pode ser auxiliadora na criação de espaços de sociabilidades despertando para uma autoria coletivizada. Sobretudo no ensino médio, (...) “utilizar tais tecnologias de maneira a favorecer a construção do conhecimento, a cooperação, a negociação, a autonomia, a reflexão e a crítica” (SILVA e AZEVEDO, 2005, p. 40) é uma excelente oportunidade para a escola valorizar as experiências juvenis atrelados ao mundo da tecnologia.

### **Considerações Finais**

Este trabalho contribui para as discussões sobre Educação do Campo numa perspectiva das peculiaridades da juventude do campo, mediante as mudanças ocasionadas pelas tecnologias, sobretudo pelo uso da internet difundida socialmente.

A escola, é a responsável por “transmitir” os conhecimentos sistematizados historicamente pelas pessoas, cabe a ela, portanto, ser o veículo para formar consciências críticas. É nesse interim, que está o potencial da instituição escolar.

Poucas têm sido as discussões que tratam de educação-escola-juventude e tecnologias no campo, nas escolas camponesas. Esse ensaio nos impulsiona a repensar as atuais discussões sobre as prioridades nos debates de Educação do Campo e as relações entre os jovens camponeses, a escola e a vida no campo.

O fortalecimento dos programas de inclusão digital nas escolas do campo, a elaboração de projetos pedagógicos vinculados ao mundo dos jovens camponeses, a seus valores, desafios será um forte instrumento para a construção de uma educação nas escolas do campo que trilhe o caminho de atitudes pedagógicas plurais e participativas.

Como relata Castro (2005), o “ficar” e o “sair” do campo para os centros urbanos não é mais uma questão de “opção” por parte da juventude camponesa, mas uma alternativa a revelia da inexistência de políticas públicas que partam da realidade dos jovens do campo. A educação pode ser uma forte aliada no fortalecimento dos laços entre os jovens e a terra e, as tecnologias podem contribuir enfaticamente nesse processo.

## Referências

BELEI, Renata Aparecida et. al. **O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa.** Cadernos de Educação – FAE/PPGE/UFPEL – Pelotas: pp. 187 – 199, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1770/1645> Acesso em: 26/03/14.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção da categoria jovem rural.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 2005.

IBOPE. **Gerações Y e Z: Juventude Digital.** IBOPE mídia, 2010. Disponível em: [http://www4.ibope.com.br/download/geracoes%20 y e z divulgacao.pdf](http://www4.ibope.com.br/download/geracoes%20y%20e%20z%20divulgacao.pdf) Acesso em: 18/03/14.

SILVA, Christina Marília Teixeira da; AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de. **O Significado das Tecnologias de Informação para Educadores.** Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v.13, n.46, p. 39-54, jan./mar, 2005.

SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. **NOVAS LINGUAGENS E SOCIABILIDADES: COMO UMA JUVENTUDE VÊ NOVAS TECNOLOGIAS.** INTERACÇÕES Nº. 17, PP. 170-188, Brasília: DF, 2011.